

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Maria Assunção Duarte

registada em 2008-09-10
por

Joana Ribeiro e Cláudia Simões

Maria Assunção Duarte

Maria da Assunção Duarte nasceu no Monte Frio, há 73 anos. Os pais António Francisco Duarte e Silvina da Conceição trabalhavam na fazenda e daquilo viviam. “Às vezes, para fazer um dinheirito para a vida deles, vendiam uns queijitos, um bocadinho de enchido ou um presunto.” Maria da Assunção e os cinco irmãos não podiam brincar, “não havia tempo também para isso, porque cada um tinha a sua tarefa”. Ainda foi à escola na parte do Inverno, mas chegou o Fevereiro saiu, “tinha que ajudar os pais na fazenda”. Aos 18 anos começou a namorar, no entanto, “nem toda a gente aprovava”. Com a permissão do pai casaram na capela do Monte Frio, há 53 anos, num dia de nevoeiro e chuva. Depois de casada ficou no Monte Frio e teve dois filhos. O marido “só cá vinha, às vezes, passar uns dias por altura da festa ou quando era preciso”. Quando a filha tinha 6 anos, partiram para Lisboa, onde trabalhou numa pensão e nas limpezas. Depois de ter uma trombose, reformou-me por invalidez. Regressou para Monte Frio quando o marido se reformou.

Índice

Identificação Maria da Assunção Duarte.....	4
Ascendência António Francisco Duarte e Silvina da Conceição.....	4
Casa Casa caída, casa erguida.....	4
Infância "Fruto do nosso trabalho".....	5
Educação "Era uma escola até bem boa".....	8
Religião "Aquilo era lindo...".....	9
Namoro "O único que não se importava era o meu pai".....	9
Casamento "Teve de pedir dinheiro emprestado para se casar".....	11
Descendência Mãe de filhos e netos.....	12
Migração "Estive seis anos sem vir a Monte Frio".....	12
Percurso profissional "Foi uma amiga minha que me arranjou".....	13
Costumes Tradições do Monte Fio.....	13
Lugar "Um sítio sossegado".....	16
Sonhos "Queria que os meus filhos vivessem melhor".....	17
Avaliação "Nunca se divulgou as nossas vidas".....	17

Identificação *Maria da Assunção Duarte*

Eu sou a Maria da Assunção Duarte e nasci no Monte Frio. Tenho 73 anos.

Ascendência *António Francisco Duarte e Silvina da Conceição*

O meu pai é António Francisco Duarte e a minha mãe é Silvina da Conceição. O meu pai é de Monte Frio mas, antes de ser daqui, tinha sido dos Pardieiros. Os pais dele eram dos Pardieiros, aquela terra em baixo do Monte Frio. Ele casou com a mulher que tinha e veio para cá. Depois enviuvou e foi namorar a minha mãe no Enxudro. Eram primos, mas afastados. A minha mãe casou com ele e veio de lá para o Monte Frio morar. E, então, fizeram aqui a vida deles.

Nós éramos seis irmãos, cinco daquela mãe, mas o meu pai já tinha o outro da primeira mulher. Era o meu irmão mais velho, Zé Francisco. Era meio-irmão. Ele foi sempre muito bonzinho, porque quis dividir tudo a meias com os irmãos. Só lhe deram uma fazenda a mais para ele. O meu pai entendeu que lhe pertencia mais alguma coisinha e deu-lhe um dote. Ele ficou com o dote e o resto quis dividir. Já morreu.

O segundo é Alfredo Francisco Duarte. Era o mais velho e ainda é vivo. Depois, era a Lucinda da Conceição Duarte. Também ainda está viva. Era outra irmã, a Alzira da Conceição Duarte, que já foi embora, morreu. Depois, era o meu irmão Alberto Francisco Duarte. E eu era a mais nova. Tinha menos dois anos que o Alberto. Mas esse, coitadinho, já foi. Morreu novo com uma embolia, quando estava em Lisboa. Era estabelecido em electrodomésticos, móveis, isso tudo. E também fazia colchões. Teve uma vida de muito trabalho e, quando a filha casou, deu-lhe uma farmácia e ela estudou Farmácia.

Éramos seis: três morreram já e três estão vivos. Sou eu, a minha irmã Lucinda e o Alfredo. O resto morreu tudo. Só a mulher do meu irmão Berto e a do Alfredo ainda estão vivas. São gémeas. Casaram os dois irmãos com duas irmãs gémeas.

Casa Casa caída, casa erguida

A casa do meu pai era uma casa grande, só que tinha poucas divisões. Tinha cada um o seu quarto: as raparigas um, onde eu dormia com as minhas irmãs;

os rapazes outro; e os meus pais tinham o quarto deles. Havia ainda um quarto, que era para os meus avós quando viessem. Não dormia lá ninguém. O resto era amplo! Era uma sala comprida, larga, um salão grande!

Não tínhamos casa de banho. Ao pé da nossa casa, o meu pai fez uma retrete, uma casinha pequena. Punham estrume e mato para tapar e estar limpinho e, depois, puseram uma tábua a fazer pontão. Ali sentavam e faziam. De vez em quando, tiravam aquele estrume sujo para a fazenda e punha-se outro. Era a nossa casa de banho, porque a gente não tinha dinheiro para fazer outra e nem podíamos! Nessa altura, não havia cá casa de banho nenhuma, não havia nada. Depois, claro, lavavam-se em casa num alguidar. Mas não havia água em casa, tínhamos de ir à fonte. Chamavam-lhe a barroca e ainda lá está.

Os animais estavam na fazenda, cada coisa em seu curral: as cabras num, as ovelhas noutra, os porcos noutra e as galinhas noutra, tudo perto uma coisa da outra. Mas, junto à casa, também tínhamos duas lojas para os pôr quando eles vinham para cima, porque nem sempre estavam na fazenda.

O meu pai deu uma casa a cada filho. Uma casinha, vá. Não era luxo, era uma casinha. A mim, calhou-me a onde eles moravam. Estava muito estragada, já se vê. Ao fim, como eu precisava de dinheiro e o meu marido tinha uma casa, optei por ficar nessa casa e vendi a outra ao meu irmão, que a queria:

- "Ih, essa casa tem de ser para mim!"

A do meu marido precisava de obras, a minha também e eu disse:

- Olha, nós não podemos arranjar as duas...

Então, comprámos a casa onde hoje vivemos. Estava toda podre a cair. Tivemos que a deitar abaixo para fazer nova.

Quando o meu marido se reformou, a casa ainda estava por acabar e ainda gastáramos dinheiro para fazer o resto. O chão da garagem era só pedregulhos e a loja, lá no fundo, também não estava acabada. Depois disso, já se pintou por fora para se vedar a chuva, porque meteu água e apodreceu o chão. Agora já se anda a gastar dinheiro outra vez. Fôramos acabando a casa aos poucos. Não se podia fazer mais, porque não tivéramos ajudas de ninguém. Era só do nosso braço.

A casita onde eu morava agora é da minha sobrinha. Ela mandou arranjar e aquilo está lá bom.

Infância "*Fruto do nosso trabalho*"

Os nossos bens eram só fazendas, mato, pinhais e mais nada. O meu pai e a minha mãe naquilo trabalhavam e daquilo viviam. Cultivavam muita fazenda e tinham muito milho. Esse milho era moído e fazia-se broa. Também tínhamos gado e porcos, mas era tudo pouco. A gente criava porquitos. Matávamos dois,

um para comer e outro para vender. Das cabras, tínhamos leite e queijo. Tudo fruto do nosso trabalho! Às vezes, para fazer um dinheirito para a vida deles, vendiam uns queijitos, um bocadinho de enchido ou um presunto. Não tinham outros ganhos.

"Guerreávamos uns com os outros porque um fazia o trabalho melhor que o outro"

Eu e os meus irmãos não podíamos brincar. Não havia tempo também para isso, porque cada um tinha a sua tarefa: um fazia uma coisa, outro fazia outra. O pai dizia à noite:

- "Amanhã vais fazer aqui!"

- "Amanhã vais fazer ali!"

- "Tu vais para aqui!"

- "Tu vai para ali!"

- "Tu vai para além!" - cada um tinha o seu.

Então, a gente tinha que guardar o gado e ir à água ao tanque da barroca, porque a água era acartada com uma cântara de folha ou um cântaro de barro. Tinha uns chafarizes com água corrente e boa e ia-se lá buscar a água para casa e lavar a roupa. Eu tinha que ficar em casa a guardar as cabras ou as ovelhas e eles iam para a escola. Depois da escola, vinham ajudar um bocado também: às vezes, iam à água, outras vezes iam à lenha, noutras iam ao mato. E era assim a nossa vida: era o campo!

Às vezes guerreávamos uns com os outros, porque um fazia o trabalho melhor que o outro mas, pronto, fôramos sempre amigos. Nunca fôramos inimigos uns dos outros!

"Queriam-me a mim para guardar o gado"

As ovelhas e as cabras eram separadas no seu curral mas, na rua, era tudo à mistura, andavam todas juntas. Quando vinham para a loja, elas já sabiam: as cabras iam logo para a casa delas e as ovelhas iam para a sua. Não era preciso ralar. Elas já sabiam. Estavam habituadas. Mas, quando lá íamos com o gado, tínhamos que andar sempre alerta a ver para onde elas iam e dizer.

- Chega para cá! Bota para cá!

A gente andava a guardar, porque elas podiam fugir para as "quelhadas", onde semeavam o milho, as batatas e os feijões. Eu não podia adormecer, que elas iam comer o milho ou as couves! Só que o meu irmão, o Alberto, tinha muito sono. Quando adormecia, elas fugiam para o milho, para as batatas ou para as

videiras. E depois o meu pai batia-lhe. Ele adormecia, deixava comer o que não era nosso e depois tinha que se pagar. Se fosse nosso, pronto, acabou. Mas não era nosso e, por isso, o meu pai ralhava com ele:

- "Não podes fazer assim!"

Como ele adormecia e eu não - estava sempre mais alerta - queriam-me a mim para guardar o gado. E era por isso que eu tinha que andar.

"Dava-lhe o cheiro do lobo"

Eram muitas as ovelhas e as cabras. Às vezes, tinham que ir pastar para a Relvinha, num bocado que a gente tinha. Lá havia muito que comer e elas queriam era comer. Mas os lobos também andavam aí. Uma vez, veio lá um lobo por detrás das penedas para apanhar a ovelha. Mas dava-lhes o cheiro do lobo - que o gado dá nota do bicho -, começavam a saltar e ele a bater a sapateta a fugir! A gente, quando as via assim, começava logo a ver onde ele estava. Mas também tínhamos que fugir, porque os lobos tanto apanhavam o gado como a gente. Era mais o gado mas, se não houvesse gado, também se atiravam à gente. Havia aí pessoas que ainda foram muito amedrontadas por eles. Agora não sei se ainda há, se não, mas houve aí uma altura que havia muitos lobos. As pessoas iam para a serra fazer o negócio - vender espécies, colheres -, iam nos machos e os lobos atacavam os machos! De noite os lobos atacavam, porque andam sempre por cima. Nunca vão pelo lado de baixo na serra. Depois, de tempos a tempos, lá aparecia o cavalo mordido e morto. Aqui, na nossa terra, até nem nunca aconteceu. Eu nunca vi, mas ouvia contar os meus velhotes, os meus avós:

- "Ah! Desapareceu um homem!"

Diziam que estava o cavalo deitado, morto. Depois vinham a saber quem era mas, pronto, o lobo comeu! Comiam tudo! Só havia os pés dentro dos sapatos. Só reconheciam a pessoa pelos sapatos. O pé, nunca o comiam porque estava dentro da bota. Como nessa altura usavam uns tamancos de pau, era rijo, os lobos não o comiam. Também, depois de comerem tudo, já não tinham fome para ir à procura dos pés. Então, começaram a caçá-los e acabaram-se os lobos.

Leitinho com broa nos púcaros da resina

A gente, às vezes, quando andava a guardar as cabras e as ovelhas, fazia uma curralito de pedras. Era uma paródia a brincar com as pedras. Mas aquilo, na hora, escangalhava-se logo. Depois, sentava-me e punha-me "amorangada" a olhar para o gado. Não me podia esquecer delas, porque elas fugiam. Então

como é que fazia? No mato, havia os pinheiros e nos pinheiros, havia os púcaros da resina. Umas tigelinhas de barro. Quando a gente ia para lá, a minha mãe dava sempre um pedaço de broa. Levávamo-lo num saquito, no bolso, para comer atrás do gado. Bem, a gente ia aos pinheiros! Quando os púcaros ainda iam novos e não estavam ainda sujos - porque eles depois enchiam-se de resina e já não se podia mexer - a gente roubava um e escondia-o. Quando íamos para lá com o gado, chamávamos por uma cabra, ela vinha ter ao pé de nós, ordenhávamo-la para o púcaro, púnhamos-lhe a broa e comíamos! Comíamos o leitinho da cabrinha com a broa! E era bom! Estava quentinho! Depois, a minha mãe dizia:

- "Ah! Mas então a cabra hoje não deu leite!"

Dizíamos nós:

- Ai deu, deu! A gente é que o comeu!

Aquela que a gente ordenhava dava pouco, tirando-lhe o leite. A minha mãe queria o leitinho para fazer o queijito, mas os meus pais nunca ralhavam de a gente comer. A nossa mãe sempre foi farta, nunca nos deixou ter fome. Foram sempre muito amigos dos filhos e sabiam que a gente fazia isso. Não havia problema. A gente comia quando era preciso e também não estragava. Não estragava mesmo.

Educação "*Era uma escola até bem boa*"

Ainda cheguei a ir à escola na parte do Inverno. Mas quando cheguei a Fevereiro, já Março, acabou-se a escola porque eu tinha que trabalhar. Tinha que ajudar os pais na fazenda. Os meus irmãos, o Alfredo e o Alberto, tiraram a quarta classe e o Zé também a teve no Sardal, mas as minhas irmãs fizeram só a terceira. Eu, como era a mais nova, já não fiz. Tinha que ajudar mais. Só aprendi o á-é-i-ó-u, as primeiras letras, a juntar e a fazer o nome. Assino um pouco mal, mas sei. Os meus irmãos iam-me dando umas luzezitas, mas depois foram para Lisboa. Ficámos só as raparigas.

A minha escola era no Monte Frio, onde é agora o campo da bola. Fizeram-no quando a escola caiu. Mas ainda ficava longito. Quando estava a chover muito, a gente apanhava com aquela chuva e encharcava-se toda. Era o vento e a chuva, tudo misturado. A gente parecia que até via lume! Era uma escola até bem boa! Era grande, cabiam lá muitos alunos. Nessa altura, os miúdos do Enxudro, da Relva Velha, das Casarias, do Valado e do Monte Frio juntavam-se todos naquela escola. Mas depois, já se sabe, começaram a casar e a ir para Lisboa... Tudo se foi embora para um lado e para o outro e a escola ficou sem alunos.

Andei com duas professoras: uma era Justina e a outra era Ofélia. Elas não eram más, só que a Justina era muito nervosa e, quando não se faziam as coisas

lá ao jeito dela, a gente tinha que aprender à força! Havia cá uma rapariga que, coitadinha, não sabia a tabuada. A professora mandava-a ao quadro e tumba, tumba, tumba! Levava com uma vara nas costas que ainda hoje me dói! Aquilo ficou-me cá metido de tal maneira, que eu, ainda hoje, quando me lembro disto, tenho pena da rapariga. Não gostava de ver aquilo. Mesmo assim, ela fez a quarta classe e eu tive que sair. Gostava de lá andar. Eles brincavam todos lá na escola uns com os outros.

Religião "*Aquilo era lindo...*"

Naquela altura, eu e mais os meus irmãos íamos à catequese. Como os mais velhos já tinham abalado para Lisboa, eu e o Alberto, o mais novo, íamos e vínhamos os dois. Havia umas senhoras que, quer dizer, não eram freiras, eram umas beatas. Umas senhoras, que se dedicavam a dar aulas às crianças da Igreja. Ensinavam-nos a rezar o Pai Nosso, a Ave Maria, o Com Deus Pai, a Confissão, a Salve Rainha e a cantar.

Ainda fiz a Primeira Comunhão. Nesse dia, vesti um vestidinho branco que a minha mãe fez. Tinha uma rosa na cabeça. Dizíamos as oraçõezinhas que elas nos tinham ensinado e deram-nos a comunhão, uma hóstia. Aquilo era lindo... Pois, se a gente não aprendeu outra coisa... Era o que havia nessa altura, não havia mais nada. Depois só ia à missa quando calhava.

Maria dos Anjos

Lembro-me que, na altura da Cruzada, morreu cá uma rapariga. Chamava-se Maria dos Anjos e era da Relva Velha. Quando estávamos a brincar, ela caiu e feriu um braço. Não ligaram, porque naquela altura, não se ligava assim muito aos ferimentos. Apanhou uma infecção e morreu. O funeral foi para a Benfeita. Eu também fui. Tive muita pena. Não era só por gostar dela, era porque a rapariga ainda era muito novinha e a gente viu-a partir.

Namoro "*O único que não se importava era o meu pai*"

Comecei a namorar tinha 18 anos e pouco. O meu marido não foi nascido cá. Veio de São Tomé e foi criado no Monte Frio desde os 3 anitos. Foi o pai que o trouxe. Quando esteve fora, teve lá aquele rapaz. A madrasta teve duas filhas, mas parece que não se criaram, morreram. Ao fim, como não tinham filhos, ele

procurou-lhe se ela queria que o trouxesse. Ela disse que sim, que trouxesse o menino. O pai trouxe-o e foi criado cá.

Quando o pai morreu, ele tinha 8 anos. Vê-se que a criação dele foi muito má. A mãe ficou viúva e ele, ainda muito novito, não ganhava nada. Viviam pobres. A mãe, coitadinha, passou muito mal na vida dela. O pai tinha-os deixado sem dinheiro e sem dinheiro estavam, porque tinham as despesas da mãe, dele e tudo. Tinham as fazendas, mas isso não lhes valia de nada, porque não havia quem comprasse. Ele, coitadinho, viu-se aflito com a vida. É a miséria. Até teve de pedir dinheiro emprestado para se casar. Depois, foi para Lisboa trabalhar de colchoeiro naquelas casas de móveis. Começou a ganhar alguma coisinha para fazer a vida dele. Ao fim, já lhe mandava umas coisinhas, uns miminhos. Até amêndoas lhe mandava! Ele foi sempre muito amiguinho da mãe.



Marido, Arlindo da Costa (1999)

Para começamos a namorar, como ele era de cor, nem toda a gente aprovava. Os meus irmãos não queriam! O único que não se importava era o meu pai. Ele conhecia-o, mas dizia:

- "Olha filha, ele bom rapazito parece ser. Tu fazes o que quiseres, mas estás sujeita a um dia os filhos virem de cor."

Casamento "*Teve de pedir dinheiro emprestado para se casar*"

A gente casou-se há 53 anos na capela do Monte Frio. Casei-me nova. Tinha 19 anos. Ele só tem mais dois anos que eu. Nesse dia estava nevoeiro e a chover, mas ainda levámos muita gente, convidados e família. As minhas irmãs vieram de Lisboa e ajudaram-me. Uma costureira, que já morreu há muitos anos, é que me fez o vestido. Era branco. Um vestido comprido até aos pés com um veuzinho. O meu marido, que já estava em Lisboa, ia com um fato claro, mas não era de luxo. Era calça, casaco e camisa branca.

A nossa vida foi sempre muito dura. Se ele teve de pedir dinheiro emprestado para se casar, depois teve de pedir dinheiro para fazer o funeral à mãe. Eu casei-me em Fevereiro e ela, coitadinha, que era muito minha amiga também, morreu a 20 de Março. O meu marido estava sem dinheiro.

Casáramos e ficáramos aqui ainda uns meses. Depois, ele foi para Lisboa, para a tropa. Enquanto o meu marido não teve cá os papéis da terra dele, não o chamaram para a tropa. Depois, quando a gente tratou da papelada para o casamento e tudo, é que o chamaram. Ele teve que ir. Andou lá dois anos. Era chofer de um general.



Bodas de ouro de Maria da Assunção e marido (13 de Fevereiro de 2005)

Depois de sair da tropa, arranjou para taxista. Trabalhou sempre no táxi para ganhar dinheiro, que a gente cá não tinha. Eu fiquei no Monte Frio e só mais tarde, depois de ele lá organizar melhor as coisas, é que fui.

Descendência *Mãe de filhos e netos*

A minha filha e o meu filho nasceram no Monte Frio. Ainda aqui estava. Durante esse tempo, o meu marido só cá vinha, às vezes, passar uns dias por altura da festa ou quando era preciso. Quando o meu filho Henrique nasceu, é que fui para Lisboa. A minha filha foi à escola, a primeira vez, em Côja. Ao fim, ela e o Henrique estudaram lá em Lisboa, primeiro em São Sebastião da Pedreira e depois nas Portas de Santo Antão.

Hoje, ele está a trabalhar em Lisboa e ela está no Algarve, no fundo, em Faro. Mas eu é que tive de criar os filhos dela aqui e lá. Para onde eu fosse tinha que os levar. Dava-me muito bem com os meus netos. Só que eles, coitadinhos, eram mauzinhos para comer e eu sofria muito com isso. Mas eram pequenitos e tinha que ajudá-los. Muitas vezes, dava-lhes o comer à boca, outras vezes já comiam por a mão deles. Foram à escola em Lisboa, na Rua Aquilino Ribeiro, ao pé de D. Dinis. Depois, houve pessoas que nos meteram em cabeça de a gente os pôr na Casa Pia, porque era mais barato. Começaram a ir para lá, mas estiveram pouco tempo, só uns meses, porque me deu a trombose. Estive no hospital, ainda passou de meio ano, e não podia cuidar deles. Foram entregá-los à mãe. Um parece que tinha 11 anos e o outro 13. Já estavam quase fora da escola primária. Mas eles gostam muitos dos avós, coitadinhos! Pois se a gente é que os criou...

Migração "*Estive seis anos sem vir a Monte Frio*"

Fui para a Lisboa quando tinha a minha filha 6 anos. Mas, a vida lá estava muito má e não se ganhava que chegasse. Como no Monte Frio havia um senhor que trabalhava com umas camionetas no carvão, o meu marido veio para cá. E eu vim também. Depois tornou a ir e foi assim a nossa vida.

Primeiro estávamos a morar numa parte de casa. Depois fui para uma casita alugada. Nunca se comprou casa, porque o dinheiro nunca dava e a gente, com os dois filhos, tinha muita despesa. Ainda comprámos metade do carro onde o meu marido trabalhava, porque o senhor já era velhote. Ficámos empenhados. Conforme se ia ganhando, assim se ia pagando. E, bem se vê, nunca podíamos ter dinheiro para mais nada. Eu, da minha parte, não trouxe dívidas, mas ele tinha-as e eu tinha que ajudar a elas. A vida era dura.

Houve uma época em que estive seis anos sem vir a Monte Frio. Tínhamos feito a casa com dinheiro emprestado, mas não havia dinheiro para a vida e era preciso poupar muito. Tinha saudades, mas não podia vir... Quando a gente se desempenhou e acabou de pagar a casa, já vinha. Mas ainda tive aquele tempo todo sem vir à aldeia. Viéramos quando o meu marido se reformou com o limite de idade.

Percurso profissional "*Foi uma amiga minha que me arranjou*"

Eu gostava de estar em Lisboa, mas o trabalho era duro, porque a gente tinha que fazer muita coisa. O meu primeiro trabalho foi numa pensão. Como eu morava lá numa parte de casa, tinha de trabalhar das oito horas da manhã às oito da noite. Tinha que fazer a minha vida toda de noite.

Ao fim, fui trabalhar para as limpezas na Caixa. Foi uma amiga minha que me arranjou. Fiz limpezas na Caixa Geral de Depósitos, no Grémio Literário e no Diário de Notícias. O mais ruim era o Diário de Notícias, porque aquilo eram umas oficinas. Antes de lavar, tínhamos de varrer e apanhar uns vidros e uns ferritos. As mãos feriam-se e doíam. Quando ia para o escritório, era raspar, encerar, puxar lustro e limpar o pó.

Trabalhava por turnos. Quando fazia o turno da manhã, os meus filhos iam comigo para o trabalho e de lá mandava-os para a escola. Depois, ia lá buscá-los. Mas quando era o turno da noite, eu só vinha lá para as dez horas e eles ficavam os dois em casa. Ainda cheguei a ter uma senhora que, às vezes, me olhava por eles. Eles começaram a crescer e a tomar conta deles próprios, também.

Depois, quando me deu a trombose, reformei-me por invalidez. Ia fazer quatro anos de Caixa, mas naquela altura já valia para ter o mínimo. Era pouquinho mas, pronto, era minha!

Costumes *Tradições do Monte Fio*

Festa do Milagroso Bom Jesus

A festa era sempre bonita! Era a festa do nosso Milagroso, o Milagroso Bom Jesus. Havia dois mordomos, dois casais, que pediam o dinheirinho para a festa. Iam dar a volta ao povo. Um dava uma coisa, outro dava outra e depois faziam a festa. Vinha a música, saía a procissão com os andores, os santinhos,

iam para cima, davam a volta à povoação e depois tornavam para baixo, para a capela. O dia da festa era dos nossos pais. Mandavam-nos fazer à costureira uma roupinha bonita, que naquela altura era o que se usava e a gente gostava. Eu pedia ao meu pai se ia a missa e daí íamos à procissão.

À noite, era o arraial! Era comer e beber. Havia fogo-de-artifício e depois a música. Na altura, não havia conjuntos. Era só o som da concertina e da guitarra. Mas a concertina não era de cá. Era de uma outra terra aqui ao lado. Tinham que tirar um dinheiro da festa, do que tinham pedido, para a pagar. Era bonito, porque depois havia o bailarico. Eu não, que era miúda, mas as raparigas que já eram crescidas faziam bons bailaricos. Dançavam e cantavam! O meu pai não nos deixava ir. Como tínhamos a fazenda, não nos dava tempo de irmos para os bailaricos. Eu tinha pena, mas as minhas irmãs ainda tinham mais, porque eram as duas mais ou menos chegadas. Mas pronto, a gente criou-se assim.

"É bom de fazer, a tigelada!"

Na festa, matava-se sempre uma cabrita ou uma ovelha. Numas caçoilas de barro, que iam para o forno, fazia-se a chanfana. Mas quem queria, também fazia cozido. Coziam também broa e faziam bolos: pão-de-ló, coscoréis, uns bolinhos redondos, arroz doce e tigeladas.

É bom de fazer, a tigelada! Era feita nuns caçoilos de barro. A gente parte os ovos com a mão para uma panela ou para um alguidar. Depois, põe-lhe açúcar, põe-lhe leite e bate bem até estar bem batido. Põe-lhe um coisinho de canela, que é para cortar o cheiro dos ovos. No fim de estar tudo bem batido, estava doce! Levava tanto de ovos como de leite e o açúcar era a gosto. Eu nunca punha muito, porque ele era pouco e, além de ser pouco, também não se adoçava muito.

Matança do Porco

No Inverno, matavam o porco. A gente comprava-o em Setembro. Começava a tratá-lo, engordava-o e, quando chegava ao Natal matávamo-lo com uma faca na goela. Juntavam-se os homens. Punham o porco em cima de um banco, uns seguravam-no e o meu pai é que espetava a faca, é que matava! Ele era o único que andava aí que tinha coragem para isso. Depois, o meu pai morreu e tiveram que arranjar outro matador mas, enquanto pôde, era ele.

Então, penduravam o porco, abriam-no e ele ficava a sangrar. Depois, as mulheres limpavam as tripas - que eram os intestinos - lavavam-nos e preparavam para o enchido. A carne era escolhida: as banhas e os presuntos eram

salgados e a que era para o enchido - o lombo e a suã - punham numa panela para conservar.

Quem matava o porco fazia um almoço em casa, mas só as pessoas que ajudavam - ou a segurar no porco ou a limpar e migar as carnes - é que iam comer. Era torresmos, feijões, batatas cozidas, sopa... Uma comidinha bastante para todos.

"Corria a roda a dar um beijinho e um abraço!"

Antigamente, a gente semeava o milho, as batatas, os feijões... Depois, quando aquilo crescia e estava maduro, era cortado e limpo dos "folhos" e daqueles arejos. Então, ia para a eira, aquilo secava e malhava-se.

Quando era do milho, juntavam-se e ajudavam-se uns aos outros a escalpelar e a debulhar as espigas. Eram debulhas grandes! Às vezes, brincavam, cantavam uns ranchos e lá contavam umas anedotas. Depois, quando estavam a "descapar" e aparecia uma espiga preta, corria a roda a dar um beijinho e um abraço! Mas já cortavam essa marosca. Começaram a acabar com esse milho por causa da paródia. Os rapazes gostavam de brincar e iam abraçar as raparigas, mas elas não queriam. Às vezes, chateavam-se uns com os outros. Mais tarde, quando andavam a semear, já não o punham.

Agora já não se faz a debulha, nem cá há milho.

"Na primeira caca de animal que apanhassem era onde se transformava!"

Não é do meu tempo, mas eu ainda ouvia falar sobre o lobisomem. Aquilo que era assim: àquelas horas mortas da noite, na volta da lua, o homem levantava-se da cama e chegava às ruas. Na primeira caca de animal que apanhasse - ou uma galinha, ou um cavalo, um cão - era onde se transformava! Era um condão que algumas pessoas tinham. Quando eram aquelas horas da noite, tudo se metia em casa! Fugiam, tinham medo! Mas era preciso serem sete rapazes da mesma mãe. Um era lobisomem. Se eram sete raparigas sem haver um rapaz no meio, uma era bruxa.

As pessoas, quando estavam assim, atacavam! Para conseguirem quebrar esse condão, iam para cima do telhado com uma vara muito comprida, a vara dos bois. Punham uma agulheta ou um prego aguçado na ponta e, quando o lobisomem ia a passar tinham que picar. A pessoa voltava ao normal. Mas tinham que espetar e largar a vara, porque o condão ficava no pau e transmitia ao outro, à pessoa que estava a picar.

Talvez fosse verdade que isso acontecesse noutros tempos. No tempo já dos avós, lá para além. Ouvia contar. Já não é do meu tempo e eu por mim não sei mais.

Lugar "*Um sítio sossegado*"

"As pessoas curavam-se umas às outras"

Na aldeia não havia médicos. Só em Côja. Mas havia um senhor na Benfeita, na nossa freguesia, que era muito entendido. Chamavam-no barbeiro. Fazia as barbas. Já morreu há muitos anos. Tinha sido uma pessoa que estudou qualquer coisa para enfermeiro e conhecia certas ervas que curavam as pessoas. Às vezes, quando era assim uma coisa pior, chamavam-no e ele lá vinha. Tinha um cavalo. Via mais ou menos o que a pessoa tinha e lá nos dava um remédio. Umas vezes dava da farmácia, outras vezes mandava-nos procurar uma erva.

Mas isto era muito raro porque, em geral, as pessoas curavam-se umas às outras com aquelas ervas que se apanhavam e com o chá que faziam e bebiam.

"Havia gente necessitada"

Antigamente, havia pessoas que viviam bem e eram muito importantes (como o Francisco Peres, que era da Câmara de Arganil e puxou a estrada para cá), mas havia gente necessitada, pobre e até pessoas que viviam muito mal.

Eu era pequenina - até ainda nem existia -, mas lembro-me do Zé Vaz. Não era de cá. Era de lá de cima da serra. E, coitado, vivia mal. Andava descalço pela terras à procura de alguém que lhe desse comida e tal. Quando coziavam o pão e a broa nos fornos, ele ouvia andar o lume e chegava-se. Havia muita gente que tinha pena dele e dava-lhe de comer. Mas depois ele tinha frio e de noite, no Inverno, ia para dentro do forno. Às vezes, ao outro dia, as pessoas iam pôr o lume para cozer de manhã e ele estava lá dentro, a dormir no forno!

"Chupa-Quartilhos"

Cá na aldeia havia a alcunha de "Chupa-Quartilhos". O "Chupa-Quartilhos" era um homem que havia no Monte Frio e morreu. Mas, às vezes, uma pessoa estava a falar com outra e, na reinação e coisa, lá saía uma palavra mal dita. Essa palavra era apanhada e:

- "Olha, é o "Chupa-Quartilhos"!"

"Fui para Lisboa, mas gosto mais de viver no Monte Frio"

Monte Frio é um sítio sossegado. Um sítio bonito, airoso, espaçoso. Quando a gente vai para o Outeiro, vê a paisagem toda!

Eu fui para Lisboa, mas gosto mais de viver no Monte Frio. Às vezes, ainda lá vou passar o Inverno ao pé do meu filho. Ele está a trabalhar e não pode cá vir tanta vez. Ele é muito meu amigo e quer que a gente lá vá passar o Natal com ele. A gente vai, porque gosta de o ver. Mas este ano tenho andado com obras em casa e estou-me a sentir muito mal. Sinto-me em baixo, muito doente. Não sei se lá irei mais...

Sonhos "*Queria que os meus filhos vivessem melhor*"

Tinha tanta coisa que eu gostava de fazer... Eu nem peço nada a Deus, porque não vale a pena... Gostava que o meu marido tivesse saúde e eu também. O meu filho está com um problema na coluna e também gostava que ele melhorasse. Mas a saúde é pouca e o dinheiro também porque a gente, é claro, para criar os filhos, para criar os netos, não dava vencimento às despesas e não se pôde guardar dinheiro. A vida por aí fora foi toda ao poder do nosso "bracelho". Queria que os meus filhos vivessem melhor, porque eu não os pude ajudar.

Avaliação "*Nunca se divulgou as nossas vidas*"

Acho muito bem e muito bonito este trabalho. Só que a gente até tem vergonha de mostrar isto. De darmos estas coisas a saber. A gente viveu sempre num mundo fechado. Vivemos sempre para nós, para os nossos botões, cá para dentro, e nunca se divulgou as nossas vidas.